

Bloco 3

Corpos dissidentes na produção de outras territorialidades: entre a casa, a rua e o palco

Coletivos Artísticos LGBTQIA+ e a Ocupação da Cidade

Uma Conversa entre o Coletivo das Liliths, a House of Tremme e a Cartografia Sexuada de Salvador

Conversa entre:

Gelton Sacramento

Coletivo das Liliths

Georgenes Isaac

Coletivo das Liliths

Zoe Luiza

Ex-integrante da House of Tremme

Filipe Moreira (Papi Lip Tremme)

Father fundador da House of Tremme

Iale Luiz Moraes Camboim

Universidade Federal da Bahia
Cartografia Sexuada de Salvador

Eduardo Rocha Lima

Universidade Federal da Bahia
Cartografia Sexuada de Salvador

Gelton Sacramento [Coletivo das Liliths]: A gente dividiu a nossa fala entre duas pessoas porque, nesse momento, a gente tem duas ocupações acontecendo dentro da cidade. Uma ocupação de moradia, que é a ocupação em que eu resido; e uma ocupação lá no Pelourinho, na Casa da Meia-Noite, que é uma casa que está se estabelecendo, ainda – mas que em breve estará aberta, eu acredito, para que todo mundo possa estar junto.

A gente acredita na coletividade que a ancestralidade é posta. Então, quis me apresentar para a gente continuar nessa fileirinha aqui, mas vou passar para a minha amiga, para ela dar uma perspectiva geral do coletivo; porque ela é a primeira boca, a minha amiga que chama todo o resto. Depois a gente vai fazendo esse bate-bola, o microfone vai e vem.

Georgenes Isaac [Coletivo das Liliths]: Saudações a todas as pessoas. Sou membro fundador e idealizador do Coletivo das Liliths, que nasceu lá em 2013, no contexto universitário. E eu faço questão de voltar ao início para relembrar a todas as pessoas que me ouvem agora sobre a importância do fortalecimento da universidade pública — esse lugar de encontro, de organização política, um espaço que precisa ser cada vez mais democratizado.

Quero agradecer também ao professor Eduardo Rocha e às meninas que estão aqui com a gente — eu trato como “meninas” porque a gente é bonita mesmo — pela importância de trazer um evento como esse para a Faculdade de Arquitetura da UFBA. É importante estarmos aqui hoje. É histórico o que a gente faz aqui, hoje. É histórico ver a quantidade de pessoas neste auditório. Onde é que está a Faculdade de Arquitetura? Dentro de uma universidade pública que precisa acompanhar tudo o que está acontecendo, inclusive as nossas existências aqui, agora.

O Coletivo das Liliths nasceu em 2013 com o espetáculo *Lady Lilith*, que foi minha formação no curso de Direção Teatral em Artes Cênicas. Hoje eu retorno à escola, no programa de pós-graduação (PPGAC), para falar sobre nós, sobre a nossa prática, também como movimento político.

Lá em 2013, a gente entendeu que só conseguiria fazer juntas. Porque quando Alex [Pajeú] fala que em 2014, em Teresina, um menino de saia ainda espantava, eu digo que em 2010, 2011, 2012, 2013, em Salvador, a gente também não era pauta. O racismo acontecia de forma muito mais violenta dentro da instituição, as LGBTfobias também. E

foi só no agrupamento, no ajuntamento, que a gente entendeu a possibilidade de continuar fazendo uma arte cênica voltada para nós, feita por nós, como também uma maneira de se organizar politicamente.

A gente encontra o mito de Lilith lá do fundo da história, que depois é incorporado pela tradição cristã. Dizem que Lilith foi a primeira esposa de Adão, antes de Eva, feita do mesmo material, e que por isso tinha a mesma autonomia do primeiro ser criada pelo Deus cristão, mas Lilith foi criada no sétimo dia, junto com os répteis e demônios. O Deus cristão vai descansar e deixa Lilith com Adão. Eles se encontram na carne. Lilith reclama de ficar por baixo, e Adão explica que naquele paraíso os homens foram feitos para ficar por cima das mulheres. Lilith, revoltada, foge. Ela escolhe sair daquele lugar e vai para o Mar Vermelho.

Quando Adão acorda do sono profundo, ele fala com Deus sobre a rebeldia da companheira. Dois arcanjos são enviados ao Mar Vermelho. Lá, encontram a Grande Deusa Lilith transformada em deusa do prazer gratuito. Ela entende seu lugar de importância, é forçada a voltar ao Éden, mas nega. Diz que não volta para uma estrutura onde as mulheres foram feitas para ficar embaixo dos homens. E, por isso, é amaldiçoada: a partir daquele dia, todas as noites ela daria à luz cem demônios, porque todos os seres que saíssem do seu ventre já nasceriam amaldiçoados.

E numa sociedade como a nossa, brasileira, já nascemos amaldiçoadas. Por isso nasce o Coletivo das Liliths. Entendendo todas como filhas de Lilith. Entendendo Lilith como esse arquétipo da desobediência, de tudo que borra, dos corpos que não têm forma. Afinal, o Deus cristão a deixa sem forma! Que maravilha.

Em 2013, a gente começou a produzir de forma independente. E é importante dizer que nossa coletividade ainda se organiza de forma independente. O Estado — seja a esfera municipal, estadual ou federal — ainda assim não financia como deveria o nosso agrupamento; não só a nossa coletividade, mas as nossas coletividades. A gente produz sem financiamento público. E, como artistas, precisamos tocar nessa tecla sempre. Porque essa é a maneira que a gente consegue continuar viva. É assim que a gente decide falar e é a arte que possibilita isso.

De 2013 para cá, a gente vem se encontrando com mais artistas, arriscando outras experiências para além das artes cênicas. Então, em 2019, a gente entende a importância de ter um espaço nosso, um lugar onde a gente pudesse colocar o som no volume que gosta, onde a gata pudesse chegar e se sentir plena, sem nenhum tipo de fiscalização de macho, de hétero, de instituição, de teatro... Assim, junto com o grupo *Finos Trapos*,

fundamos a Casa Evoé, em 2019, no Largo dos Aflitos, de frente para o quartel da Polícia Militar. No início da ocupação, já percebemos um possível conflito com o quartel, mas tivemos uma experiência super bem-sucedida nesse sentido. Isso porque a gente ficava no primeiro andar, em cima de uma loja de vestidos de noiva e embaixo de uma loja de peças para navio. E ali, entre esses dois lugares, a gente fazia nosso trabalho.

Lembro que, como liderança, eu fazia questão de convidar os vizinhos para entrar no espaço, participar das atividades, entendendo a importância do entorno. Ao lado tinha um posto de gasolina, nos fundos a boate Mirante dos Aflitos — também um espaço de socialização da nossa comunidade. A gente começa a produzir ali, mas passa a entender que o valor do aluguel pesava demais no nosso bolso. Então começamos a pensar: como ganhar dinheiro com a nossa prática? Como fazer esse dinheiro entrar? Fizemos oficinas artísticas, alugamos o espaço, realizamos festas... mas nada disso dava conta dos novecentos e oitenta reais que a gente precisava pagar no final do mês.

Então, em 2019, a gente se senta numa mesa de bar e diz: “Gatas, a gente precisa se movimentar porque a gente tá perdendo a sede. A sede é por aluguel, com imobiliária... a gente precisa dar conta das contas”. Nesse momento, começamos a fazer festas íntimas para homens dentro do nosso espaço. Homens que não eram nosso público, pessoas desconhecidas. No primeiro evento, tivemos um susto. A festa começava às 14h e ia até às 20h. Às 17h, já tínhamos R\$ 550,00 em caixa, somando as entradas e o consumo de bebidas.

Nesse contexto, a gente começa a entender aquele espaço também como político, de organização. Vem a pandemia e a gente precisa parar tudo, inclusive isso, e não conseguimos mais manter a sede no Largo dos Aflitos. Esse momento é muito importante — e aqui começo a encaminhar o final da minha fala para passar para a mana Gelton — porque aí começa uma nova desobediência, uma nova delinquência do coletivo. Porque, com a pandemia, teoricamente, a gente deveria parar todas as atividades e viver esse estado pandêmico [de isolamento]. Mas corpos LGBTQs, corpos negros, historicamente enfrentaram e ainda enfrentam dificuldades de acesso a direitos básicos como moradia e alimentação; a pandemia só acentuou isso.

Naquele momento, a Xan [Di Alexandria], uma integrante do grupo, já morava com a gente. Afinal, o que a gente faria com ela e com as coisas do grupo? A sede já não era só espaço de trabalho, era também moradia. Nesse contexto, a gente lembra de um imóvel com valor afetivo para mim: uma casa construída pela minha família, no bairro de Brotas, nas margens do Vale do Ogunjá, que estava fechada há muito tempo, por várias questões estruturais. Assim, em abril de 2020, decidimos pagar um “aluguel social”

para o meu primo, dono da casa de cima, e para a minha mãe, dona da casa de baixo; e levamos nossas coisas e quem precisava estar lá, morando em segurança.

Uma semana depois, a CODESAL (Defesa Civil de Salvador) é chamada porque os vizinhos denunciaram que a encosta atrás da casa tinha deslizado, por causa das chuvas. Então a CODESAL recomenda que todo o número 23 — o número da casa — fosse desocupado, por questões de segurança. Mas a gente não tinha como sair. E a gente decide ficar. Fomos ficando, ficando... Só em março de 2022 que iniciaram as obras da encosta. Vivemos todo esse tempo numa casa condenada.

Nesse processo, em 2020, Xan já morava lá, depois Eduardo também. Outras demandas foram surgindo. E nesse sentido, ninguém melhor do que Gelton, que mora lá atualmente, para falar disso. Antes de passar a fala, quero dizer que depois desses dois anos de moradia, a gente entende que toda pessoa precisa de um lugar para morar e de um lugar para trabalhar. Morar e trabalhar no mesmo lugar denuncia que tem muita coisa errada.

Seguindo esse fluxo, encontramos uma parceria — uma pessoa que também é artista que conheceu nosso trabalho e se aproximou. Através dessa pessoa, agora, estamos investindo novamente numa iniciativa delinquente. Não posso dar detalhes ainda, pelo nível de delinquência da ocupação, mas trata-se de um lugar no Pelourinho, onde a gente entende que ali vai ser nossa nova sede de trabalho. Carinhosamente, intitulamos a casa de “Meia-Noite” — com a ideia de oferecer às pessoas experiências noturnas a qualquer hora do dia.

A Meia-Noite está se constituindo. Em breve, estará com portas e janelas abertas, na madrugada e durante o dia. E para falar dessa experiência de moradia e gestão de espaço, entendendo que “sede” e “espaço” para LGBT é tudo “ingual”, passo agora a fala para Gelton.

Agradeço a vocês que estão aqui com a gente. Agradeço às minhas amigas, artistas, resistentes, belas, que estão na mesa. Às integrantes que estão aqui fazendo esse trabalho. E digo: o mais importante, o mais articulador, o mais político que vocês podem fazer agora é pegar o celular e seguir o Coletivo das Liliths no Instagram: @dasliliths.ba. Porque o algoritmo entende a sociedade que consome aquela rede. E por isso nossos materiais não são entregues com a velocidade que poderiam.

Consumam artistas independentes. Valorizem artistas LGBTQIA+. Onde elas vivem? Como elas comem? Não perguntem. Encontrem. Comprem.

Gelton Sacramento: Quando Geo [Georgenes] fala da CODESAL e dessa encosta que começou a ser construída em março de 2022, desde então a gente ainda não tem segurança. A gente recebeu um comunicado dizendo “a qualquer momento, vocês podem precisar desocupar o imóvel, porque a gente não sabe como essa construção vai se desdobrar”. Então, ainda que pareça que esses problemas estejam resolvidos, quando vocês passarem pelo fundo do [Vale do] Ogunjá, vocês vão ver uma encosta sendo construída — é a encosta da nossa casa.

Acho muito interessante pensar que, quando a gente junta o processo artístico com o processo de moradia, acontece isso que estamos dizendo aqui: a gente não consegue mais separar o que é a coletividade do que é a nossa vida. Por exemplo, a minha conta de luz hoje é dividida entre a coletividade e o que eu consumo. É um exemplo banal de como nossas vidas ficaram atravessadas por todo esse processo, principalmente as de quem morava lá.

Eu chego na casa em abril de 2021 e estou residindo até agora. Agora, no dia 20 de setembro [de 2022], começamos o movimento de sair da casa para ocupar esse espaço no Pelourinho, que vocês ouviram Geo falar. Entre setembro, outubro e novembro de 2021, a gente teve uma iniciativa artística dentro da casa. Depois de um tempo morando lá, conhecendo os vizinhos, eles conhecendo nosso trabalho, conseguimos nos organizar minimamente como vizinhança daquele espaço, para abrir as portas e fazer da nossa moradia também um espaço artístico, público, que pudesse receber pessoas. Nesse período, a gente começou a receber pessoas e a apresentar nossa casa, junto com o trabalho artístico, que se desdobrava de outras formas naquele momento.

É interessante dizer que, desde que cheguei a Salvador — eu sou de Camaçari, uma cidade aqui ao lado —, sempre tive dificuldades de moradia e, no início, morei na casa de uma mulher evangélica. Eu não tinha comprovação de renda, então uma amiga alugou a casa dessa mulher e eu fui morar lá com contrato de um ano. Era tudo muito restrito, e eu e minhas amigas nos sentíamos rejeitadas. Como o contrato estava no nome de outra pessoa, eu não tinha muita liberdade para me movimentar.

Hoje, dentro da casa da nossa coletividade, eu tenho segurança. Posso entrar e sair com as pessoas que considero interessantes para minha vida. Posso contratar serviços, receber gente em casa, sem me sentir aprisionado pelo olhar de quem aluga e julga a vida do outro. E, principalmente, percebo — eu, como pessoa LGBT — que esse apoio da coletividade me dá estrutura para me manter na cidade. Uma estrutura diferente da de outras pessoas LGBTs que chegaram aqui sem esse acolhimento.

Hoje mesmo, a gente comentava que algumas integrantes do coletivo chegaram à cidade com uma geladeira que foi passada de uma para outra; que passou para mim, depois para outra pessoa, porque eu consegui comprar a minha própria geladeira. Isso mostra como as nossas dignidades, tanto de moradia quanto artísticas, precisam ser garantidas para pessoas como nós, para que assim possamos continuar exercendo nossa capacidade de execução artística. Quando eu penso nisso, vejo que só agora, com a saída do coletivo da sede de moradia — porque até então moradia e trabalho ocupavam o mesmo espaço —, conseguimos separar as coisas. Assim podemos continuar as atividades artísticas de forma mais saudável.

No final do ano passado, fizemos um projeto financiado pela Prefeitura Municipal de Salvador que eu considero como mais uma conquista trazida pelo processo de moradia. Pudemos trazer uma travesti da Paraíba, de João Pessoa, chamada Arlyxa — ela faz parte de uma casa [de *ballroom*] chamada Casa da Baixa Costura — para trabalhar com a gente como designer gráfica. O projeto inteiro de design foi dela, que só conseguimos porque garantimos a ela uma estadia segura numa casa acolhedora, para que ela não tivesse medo de sair da sua cidade e vir conhecer Salvador; sem medo de ser violentada ou rejeitada. A gente não conseguiria fazer isso se a gente não tivesse esse espaço como um espaço fixo nosso, porque a gente não teria condição de pagar uma hospedagem para Arlyxa, por exemplo.

Termino dizendo que tanto as iniciativas públicas de divulgação quanto as privadas não vão, por si só, fazer com que a gente realmente se encontre. As próprias pautas LGBTs são recortadas pelo que eles acham interessante mostrar. Então, mais uma vez, digo que a importância do nosso encontro tanto se dá nesse processo íntimo, que é o espaço da moradia, onde posso conversar sobre minha mãe com a Georgenes, ela conversar sobre a mãe dela, e ao mesmo tempo trocarmos ideias sobre o espetáculo que vem aí. Isso só é possível por causa de uma organização política íntima, nossa, porque eu não posso esquecer que a casa onde moro hoje é da família de Geo. Talvez, se não fosse, a gente nem tivesse essas aberturas. Isso só está garantido porque a propriedade é íntima também.

E queria dizer ainda que o nosso trabalho continua, a sede de moradia segue ativa; a gente recebe artistas de todo o Brasil para trocar experiências. Esse espaço é um lugar de troca, mas também de permanência. Acredito que, nessa nova fase, com uma sede de trabalho e outra de moradia, vamos conseguir desenhar um futuro pertinente para o Coletivo das Liliths.

Zoe Luiza [House of Tremme — até 2024]: Meu nome é Zoe Luiza — Zoe Tremme dentro da house. Sou filha da House of Tremme, uma casa da cultura *ballroom*. O que é a *ballroom*? É um espaço que nasce para quem não tinha um lugar seguro. Quando a gente se percebe pertencente a uma urbanidade e pensa na circulação, no direito de ir e vir — que é um direito constitucional — a gente precisa perguntar: quem são os corpos que realmente têm o direito de transitar, de andar pela cidade, garantido? Corpos transvestigêneres, corpos pretos, corpos PCDs, corpos racializados... esses corpos não têm esse direito assegurado.

Então na *ballroom*, a gente cria — como Beatriz Nascimento fala — esse aquilombamento. Um lugar onde essas pessoas vão ter segurança, conforto, dignidade. É isso que as houses fazem: acolhem, para que essas pessoas se sintam humanas. Essa é a palavra, “humanas”. Porque quando se é travesti, quando se é preta, quando se é PCD... inúmeros marcadores sociais que a sociedade marginaliza, você passa a ter uma vida indigna; e isso não é por acaso, é um projeto politicamente construído.

As houses surgem nesse contexto de acolhimento, sempre em momentos delicados para a comunidade. Como na pandemia do HIV/AIDS, quando pessoas LGBTQIA+ eram estigmatizadas. Aqui no Brasil, teve a Operação Tarântula, em que travestis eram retiradas das ruas, porque o Estado decidiu que elas eram as principais responsáveis pela disseminação do vírus.

Nesse paralelo entre Brasil e Estados Unidos — e o mundo mesmo —, a *ballroom* se constrói como um quilombo. Não só como um lugar de resistência, mas também de criação artística. Porque quem não podia ser *miss* nos concursos de beleza, podia ser *miss* na *ballroom*, na categoria *face*. Quem não podia ser modelo nas passarelas, podia ser na categoria *runway*, que é a categoria de passarela da *ballroom*. Então esse é o papel da *ballroom*.

E agora, aqui em Salvador, a cena vem sendo fomentada. A minha house é uma das pioneiras. Além dela, temos hoje seis houses: Lanceira, Criola, Afrobapho, Kiddo, Astra e Yasuke.¹ Começou com três, depois dobrou. A gente vê as houses se multiplicando e tudo isso acontece num momento político. Domingo tem eleição. Então a pergunta é: como vão ficar nossas corpos na rua? Como a gente vai votar? A gente vai se sentir segura para votar? Quando a gente pensa em promover uma *ball*, em fazer um treino, tem que pensar também: como esses corpos vão voltar para casa? Vão voltar seguros?

¹ Atualmente, as houses mais atuantes na cena *ballroom* de Salvador são: Tremme, Montenegro, Criola, Mamba Negra, Casixtrinha, Bushido, Rattura, Kiddo, Mandacaru e De Lá.

A gente vive no país que mais mata pessoas LGBTQIA+ no mundo. Então não é só sobre dignidade — é sobre segurança. Porque a gente não tem segurança em lugar nenhum.

Eu passo agora a palavra para o meu pai — meu *father*. Como ele tem mais tempo de *ballroom*, eu tenho só um ano, sou uma mera filha da *house*, então acho que ele vai explicar melhor toda a questão histórica, toda a questão de construção e fomentação da cena.

Filipe Moreira (Papi Lip Tremme) [House of Tremme]: Primeiramente, é muito bom falar por último, porque eu vou usar muita coisa que ouvi aqui hoje. Meu nome é Filipe Moreira — Lip Tremme dentro da *house*. Sou *father* fundador da House of Tremme, uma das primeiras *houses* da cultura *ballroom* baiana.

Ballroom é basicamente isso que Zoe falou, mas vou trazer para o nosso recorte, para vocês entenderem um pouco da nossa história. Sou jornalista formado pela FACOM, a Faculdade de Comunicação da UFBA e, no final da graduação, comecei a me interessar por dança e a dança foi tomando conta da minha vida, cada vez mais. Me formei em julho de 2018, na FACOM, em novembro fiz o Enem, voltei para a UFBA, dessa vez para a Escola de Dança. Fiz a seleção para o curso técnico da FUNCEB, entrei e já me vi em outra “babilônia” de graduação. Mas vai dar tudo certo.

A *ballroom* entra na minha vida porque, dentro da dança, não tem espaço artístico fora do que a gente vê no cotidiano. Fora das bandas, fora de algumas poucas companhias que sobrevivem a duras penas como instituições. Se você não tem um corpo específico — esteticamente ou tecnicamente — você já é colocado à margem. E dentro disso tudo, eu comecei a perceber que não sabia para onde estava indo. Fazia aula, às vezes 10 horas de trabalho corporal por dia, mas sem saber para quê; e assim, o sonho foi morrendo, aos poucos.

Nesse meio tempo, conheci meu namorado Ian — que está ali sentado — e ele, vindo de outros processos artísticos, começou a brincar comigo em casa: “Vamos dançar vogue, vamos dançar vogue.” Eu nem sabia direito o que era. Ele falava de Madonna, umas coisas antigas... Eu só pensava: “Tô cansado, vamos tomar uma cerveja”. Mas um dia fui fazer uma aula de vogue com Caíque, que é um outro pai da casa, e aí conheci um pouco mais. Então começamos a conversar, pesquisar, e a nossa casa começou a se formar. Nós três fomos unindo nossos interesses em comum, íamos para a casa de Caíque — ele morava sozinho, fazendo mestrado na UFBA — e lá a gente assistia coisas, conversava com pessoas, trocava ideias. Aos poucos, fomos entendendo de onde parte e até onde a *ballroom* pode chegar.

Um breve contexto histórico: a *ballroom* começa efetivamente enquanto comunidade quando Crystal LaBeija — uma mulher trans, norte-americana, afro-latina — participava de concursos de *drag queens* nos EUA, os famosos *pageants*. Quem conhece *RuPaul's Drag Race* já ouviu falar. E pessoas como ela nunca ganhavam. Sempre eram *misses* brancas, com um padrão específico de corpo, rosto e estética. Num grito de revolta, Crystal se coloca como a mais bonita do grupo, diz que merecia ganhar e quebra tudo. Cerca de dez anos depois, ela e Lottie, sua filha da época, iniciam a *House of LaBeija* e a cultura dos bailes.

Nos bailes, pessoas como elas — pretas, latinas, periféricas, artistas de maquiagem e figurino — começam a ter espaço para performar e para viver esse lúdico. Numa perspectiva de que se você não tem isso na sua vida, você vai adoecendo. E isso foi ganhando o mundo. Se nenhum espaço me cabe, agora eu posso ir para a *ball*. Se não posso ser uma jornalista, agora posso fingir que sou jornalista na *ball* e muita gente vai me aplaudir por isso. E nisso a gente constrói conhecimento, aprimora técnicas e estéticas, tanto artísticas quanto de convivência, de sociedade mesmo. E isso vai se disseminando.

Eu costumo dizer que não participo muito dessas coisas acadêmicas. Tenho algumas questões com a academia enquanto instituição. Não dialogo muito. Mas nosso primeiro evento de *ballroom* foi no Desmonte², na UFBA. Meu professor me chamou no primeiro semestre da faculdade de dança — Caique também estava lá, a gente já tinha trocado ideia — e ele disse que queria fazer um evento sobre a presença e a vivência de pessoas trans e pretas na Escola de Dança da UFBA. Me chamaram porque meu TCC [Trabalho de Conclusão de Curso] em jornalismo foi voltado para questões de gênero e sexualidade em perspectivas comunicacionais, a partir de Linn da Quebrada e As Baías. Eu o respondi, na época, dizendo que não sou muito fã de mesa de debate, mas que vinha estudando a cultura *ballroom* e poderíamos pensar numa ação dentro dessa perspectiva. Então fizemos nosso primeiro baile lá, dentro do Desmonte. Eu e Caique, a duras penas, entendo muita coisa a partir da vivência, aprendendo na prática. Mas deu tudo certo. Hoje estamos indo para a décima edição do “Baile Banzé”.

Mesmo com divergências com a academia e esses espaços de fala, onde ainda vejo poucas pessoas pretas e trans, acredito que a *ballroom* é o grande exemplo de decolonialidade. Com todas as suas contradições e resquícios de convivência em sociedade

² Seminário “DESMONTE – Corpo, gênero e interseccionalidades”, organizado no âmbito da Escola de Dança da UFBA.

— porque a gente reproduz, e vai continuar reproduzindo, enquanto capitalismo e colonialidade existirem — a *ballroom* é essa prática decolonial porque fomenta, estuda, estrutura e briga por cada corpo que faz parte da cena. Ela investe nisso, na coletividade, na construção dessa tecnologia, que é a *ballroom*. E por isso chegou ao mundo todo.

Voltando para minha história, eu hoje não preciso de palcos para dançar. Não preciso viver de “jobs”, não preciso me encaixar em vários padrões que a dança exige — seja de um determinado corpo, ou de um determinado estilo, com pessoas específicas. Por mais que isso exista em todas as artes: se você não está do lado de quem interessa, você não é ninguém. Então, com muito esforço, eu e quem estava próximo a mim acreditando nisso, a gente criou palcos para outras pessoas e para nós mesmos. Nosso palco hoje é relevante na cidade. O “Baile Banzé”, hoje, é um espaço onde as pessoas querem performar, querem se apresentar, se sentem confortáveis de estar ali.

Trazendo para o tema deste colóquio, como já apareceu em várias falas anteriores, nossa grande luta hoje é por espaço, literalmente. Principalmente no pós-pandemia, quando a gente começa a treinar e se agrupar na UFBA, tanto na Biblioteca Central quanto na Escola de Dança, e na FUNCEB também. Nosso primeiro “Baile Banzé” foi depois do projeto piloto que aconteceu no Desmonte e nasce no casarão da Residência R1 da UFBA.³ A segunda edição aconteceu no Teatro Experimental da Escola de Dança da UFBA e logo em seguida, dez dias depois, começou a pandemia.

Naquele período, cada um na sua casa, sem saber como se articular, o que fazer. Passamos por muitas adaptações e distanciamentos. Em outubro de 2020, os *fathers* da *house* decidem morar juntos, por questões do acaso. Aquilo que o Coletivo das Liliths trouxe, a importância de se ter um lugar para morar e um lugar para trabalhar. Eu, a vida inteira, morei na casa da minha avó, com tias, primos... nunca com menos de oito pessoas dentro de casa. Na pandemia, isso ficou insustentável.

Meu pai morreu quando eu tinha 17 anos e, a partir disso, vivi uma briga judicial com a minha madrasta pela casa que era dele — eu, uma criança. Essa casa fica literalmente em frente à casa da minha mãe. Assim, em 2020, com todas as dificuldades, sem trabalho, vivendo de auxílio emergencial, fui morar na casa do meu pai junto com Caíque — que durante a pandemia teve que voltar para Vitória da Conquista, de onde ele é, e

³ Residência estudantil da UFBA localizada na Av. Sete de Setembro, na sua porção comumente conhecida como Corredor da Vitória.

quando retornou a Salvador, não tinha mais casa alugada; então foi morar comigo. Meu namorado foi passar quinze dias lá em casa... e está morando comigo até hoje.

A partir de então, conseguimos nos organizar de forma mais efetiva. Passamos no nosso primeiro edital — o primeiro que nós três escrevemos juntos — que foi na categoria de festival da Lei Aldir Blanc I. Com esse edital, conseguimos reformar a casa, que estava numa situação bem precária. Não era uma casa de encosta, mas tinha muita fragilidade elétrica, estrutural... o teto chegou a cair. Mas conseguimos. Ainda não temos um espaço fixo para trabalhar — esse é o grande ponto —, mas o espaço para morar está garantido. E isso é muito importante! Porque a gente pode levar nossos filhos para lá quando eles têm dificuldade de voltar para casa; ou quando precisamos organizar alguma coisa, para ir a algum lugar. Hoje, Caíque não mora mais comigo, então temos duas casas. E conseguimos transitar entre elas, criando cada vez mais estrutura.

Hoje, nossa grande questão são os espaços que acolham. Espaços que tenham o mínimo de segurança, o mínimo de estrutura — água, uma caixa de som, um banheiro; a caixa de som a gente até arranja, mas água e banheiro são essenciais. Às vezes, só um teto para o caso de chover. Mas principalmente segurança, porque hoje eu tenho medo de ir ao Parque da Cidade, tenho medo de ir ao Parque dos Ventos... A gente encontrou um lugar muito legal no Candeal, a Praça das Artes, mas tem uma certa dificuldade de acesso, além de ser um espaço aberto — a gente acabou de passar por um período muito forte de chuvas. Então ficamos nesse fluxo muito doido. Até que finalmente conseguimos um espaço em cima do Bar da Pri — acho que várias pessoas aqui conhecem. Jack, que é sócia do Bar da Pri, alugou e estruturou o Espaço Caos em cima do bar. Então marquei uma reunião com ela. Quando cheguei, ela perguntou: "O que você precisa?" E eu falei: "Jack, vim aqui te pedir seu espaço de graça, para eu usar em algum horário que você puder e tiver livre." Porque é basicamente isso que a gente precisa: espaço para trabalhar.

E a gente não tem isso nem na iniciativa pública, nem na privada. Conseguir uma sala nas escolas hoje é cada vez mais difícil, mais burocrático. Agora, no sábado, vamos fazer o *Cine Ballroom*, onde uma das nossas atividades será assistir a um documentário. Vamos começar a ocupar o Espaço Caos e propor ações voltadas para a comunidade *ballroom* — treinos, aulas de dança, treinos estéticos... Porque muita gente associa a *ballroom* apenas ao *voguing*, mas não, essa é uma "parcelinha" que veio bem depois. A *ballroom* é muito maior que isso. É produção de visual, produção estética, moda, desfile. É autoafirmação. É humanização e autoestima, principalmente.

Zoe Luiza: A cena *ballroom* está acontecendo aqui em Salvador desde 2019. Então é importante que vocês cheguem junto, se envolvam e espalhem. Porque, como eu falei no começo, é um espaço para quem nunca teve um lugar seguro. É lá que a gente consegue garantir tudo aquilo que a gente vem falando: empoderamento, aquilombamento... É nesses lugares que o babado acontece.

Porque quando a gente fica só na teoria, teoria, teoria, e não coloca nada em prática, não flui. Não acontece. Então, o que vocês vão fazer com o voto de vocês no domingo é o que vocês têm que fazer todos os dias. Porque ser revolucionário/a/e é isso: é partilhar. É perguntar para o seu amiguinho: "Tá triste? Tá precisando de quê? O que eu posso fazer?" Foi muito assim comigo. Quando eu cheguei na *ballroom*, eu era uma travesti vinda de uma família extremamente conservadora. Cheguei desempregada, porque tive que me demitir — a empresa onde eu trabalhava não quis mudar meu turno, mesmo depois que eu passei na UFBA. Tive que escolher entre a vaga e o emprego. Então cheguei na *ballroom* desempregada, no meio da minha transição [de gênero], desesperada. É quando encontro três pais para me acolher.

Nesse lugar, comecei a querer dar isso para outras pessoas também. Querer que outras pessoas tenham a mesma oportunidade que eu tive, de ter um lugar seguro. E quando eu falo "lugar seguro", não é clichê. Porque a gente não está segura na rua. Não está. Quando a gente fala de Cidades Sexuadas (em referência ao título do colóquio), a cidade sexuada que eu enxergo em Salvador é essa: a capital do segundo estado que mais mata pessoas trans e travestis no Brasil. É isso que a gente tem que encarar. E pensar como criar estratégias para que essas pessoas tenham o mínimo de locomoção pela cidade.

Esses lugares de fortalecimento não estão só na *ballroom*. Tem também o Casarão da Diversidade, tem uma instituição no Rio Vermelho também (Centro Municipal de Referência Vida Bruno)... Sugiro que vão nesses lugares, procurem saber o que pode ser feito. Nem sempre a questão financeira é o principal. Você sabe dar aula de crochê? Vai dar aula de crochê para uma travesti. Você vai dar uma oportunidade para essa pessoa não estar em pista de prostituição. E eu não estou aqui para marginalizar a profissão, mas é sobre ter opções. É sobre ampliar possibilidades.

Então é isso, gente. Procurem fomentar, compartilhar e aprender sobre esses movimentos que a gente entende como necessários, urgentes.

Iale Camboim [Cartografia Sexuada de Salvador]: Primeiramente, queria agradecer muito a disponibilidade de vocês em dialogar aqui dentro da academia, nesse espaço que, apesar de tantas barreiras, a gente precisa continuar insistindo. Obrigado por isso.

Também queria dizer que estive no último “Baile Banzé” — e vi o bafo que foi! Não é brincadeira, gente. Inclusive, Zoe quem ganhou a categoria de *Vogue Femme*. E olha, se ela está na cena há apenas um ano, eu jurava que tinha bem mais tempo de experiência. Foi lindo. Ela se emocionou muito. Eu percebi o quanto foi significativo para ela, principalmente porque era véspera do Dia dos Pais. E ela falou exatamente o que disse aqui hoje, que ganhou três pais graças à cena *ballroom*.

Isso que fica muito marcado, pelo menos para mim, nessas falas, nessas duas experiências distintas de coletividade — uma no teatro, outra na *ballroom* — que mostram como ambas têm esse caráter de acolhimento, de família, de casa. E parece que isso vem em primeiro lugar. O resto é consequência. Essa necessidade de oferecer um acolhimento que o mundo não dá... isso fica muito forte para mim.

Também essa necessidade de construir alianças como estratégia. Vejo isso nos dois coletivos. Porque, se a gente parar para pensar, dentro da sigla LGBTQIA+, entre um gay cis branco e uma travesti preta, existe um abismo. Um abismo de direitos negados, de formas de serem aceitas no espaço público. A gente poderia ficar horas falando sobre isso. Então, essa possibilidade de criar alianças é também uma estratégia de sobrevivência. Se vocês puderem falar mais sobre isso depois, seria ótimo. Agora vou abrir o debate para quem quiser contribuir.

Eduardo Rocha Lima [Cartografia Sexuada de Salvador]: Queria fazer um comentário, uma provocação, porque acho muito importante essa dimensão coletiva que vocês vêm construindo. É nessa coletividade que várias questões que normalmente dependeriam de políticas públicas, de ação do Estado, acabam sendo resolvidas entre os próprios coletivos. Questões como habitação, segurança, afeto... tudo isso a gente vê acontecer ali.

A própria estrutura da *house* já carrega isso. O nome é “*house*”. É uma estrutura de família. Tem o *father*, tem a *mother*... e acontece muito nessa intenção, nos Estados Unidos, de formar uma família mesmo. Famílias que competem entre si, mas que são agrupamentos afetivos. Então existe essa dimensão do afeto que vai além da amizade, é uma responsabilidade entre filhos e pais que se manifesta de forma muito concreta. E isso é extremamente necessário para uma população que está completamente desabrigada pelas políticas públicas.

Agora, queria pensar com vocês justamente sobre essa relação entre essas casas e a cidade. Vocês que têm essas experiências — especialmente as Liliths, que estavam numa casa e depois passaram para outra —, como é essa dimensão da casa em relação à cidade e esse entorno? Como é viver uma comunidade LGBTQIA+ fazendo festas, movimentando, trazendo outros corpos dissidentes para esses espaços? Como é esse convívio com a cidade quando se tem agrupamentos de pessoas que estão fora do padrão normal estabelecido na sociedade?

Georgenes Isaac: Hoje, mais cedo na aula, eu falei sobre isso. Existem questões que são tabus para nós, comunidade acadêmica. Repito: tabus. Porque, equivocadamente, acreditamos que pensamos à frente da sociedade. Mas por que eu estou dizendo isso? Porque o meu corpo incomoda menos na rua onde fica nossa casa do que aqui, na Faculdade de Arquitetura. Aqui, eu chego e escuto de um estudante: “Ah, é do Cidades Sexuadas, né? Daqui a pouco eu vou lá.” Vocês entendem a diferença?

Por muito tempo, as pessoas chegavam na nossa rua, em Brotas, perguntando: “Onde é a casa das Liliths?” Nenhum vizinho sabia onde era a casa das Liliths. Mas todos sabiam quem era Gelton, quem era Gustavo, quem era Ric. Porque mais do que controlar aquela existência, aquela comunidade queria trocar com a vizinhança — “Abre aqui a porta, que eu só consigo chegar no meu telhado pela sua casa.”

Então nesse sentido, tem um bicho de sete cabeças. A gente tem motivo para pensar nesse bicho. Mas o exercício da vida, de estar no *front* — o *front* é a sociedade, é a rua, o ônibus —, nos mostra outros arranjos, outras formas de convivência. Não é só uma ou duas histórias de travestis que são lideranças comunitárias importantes nos seus bairros. E não estou dizendo que é tudo lindo, um mar de rosas. Não é. Porque, ao mesmo tempo que tem essa articulação comunitária, tem também aquela vizinha que vira para mim e diz: “Adoro o seu show!” e assiste da janela, não aceita o convite para estar lá dentro. Isso é muito expressivo. A gente convida, ela não vem, prefere assistir de longe.

Mas também tem a vizinha boleira, que no fim da temporada de apresentações faz um bolo com o topo escrito “Parabéns Coletivo das Liliths” e dá de presente para a gente. O que ela está dizendo com isso? Tem também aquela vizinha que me viu crescer — sempre bicha, bichérrima — e me diz: “Eu tô amando os finais de semana com as músicas que vocês colocam”.

O que é isso? É entender que não é o Coletivo das Liliths na Rua Doutor Alberto de Lima Braga. Somos nós, a comunidade da Rua Doutor Alberto de Lima Braga. E é muito interessante ver como, com o movimento da casa, começaram a chegar doações. Lá em

Brotas, hoje, a gente nunca joga nada fora, pois sempre temos o contato dos vizinhos, dos prestadores de serviço — “Fulano, tem uma mesa aqui, você quer? Se não quiser, a gente coloca no lixo”. Mas não significa jogar fora, porque a gente sabe que alguém vai pegar.

Recentemente, eu e Gustavo fomos colocar uma cabeceira de cama que deu cupim no lixo. O mecânico da rua gritou: “Ei, ei, ei, Galego!” Eu falei: “Galego só pode ser Gustavo, não sou eu.” Aí ele perguntou: “Cadê o resto da cama?” Eu disse: “Não tem, menino, é arte, é só a cabeceira mesmo.”

É entender essa importância de dialogar comunitariamente, sem pretensão de superioridade. Dialogar com o que está posto, com o que está dado, com aquela comunidade que está ali — que pode te apontar, artisticamente, caminhos interessantíssimos. Às vezes, é só desligar a luz da casa inteira e deixar a sala com luz vermelha que a comunidade vai entender do que se trata aquela casa. Porque é mais do que relações humanas: é imagem. A gente está criando imagens naquele espaço, e consequentemente criando outros imaginários. Eles veem que é uma casa só de artistas LGBTQIA+, mas essas [sic] artistas têm emprego formal, saem todo dia, voltam todo dia, fazem seu churrasquinho, comemoram aniversário no dia da eleição e convidam os vizinhos. Assim a gente vai deixando de ser aquele bichinho do Globo Repórter — “onde vivem, como comem” — para sermos vizinhas dessas pessoas. Humanamente falando.

Quando lale traz isso, da importância de encontrar nossos pares, a gente também fala de representação e representatividade; e porque é importante estarmos aqui hoje. E novamente quero agradecer ao professor Eduardo e aos meninos, porque só estamos aqui porque fomos convidadas pelos nossos pares. A gente só está na Faculdade de Arquitetura hoje porque nossos pares nos trouxeram. É muito forte ver essa mesa, ver experiências LGBTQIA+ que se atravessam, que se cruzam, que são tão poderosas entre si que decidiram se encontrar em torno de uma mesa para falar com vocês. Coisas que a gente ainda nem sabe o nome, mas que estamos vivendo aqui e agora. Isso é muito, muito forte. A importância de ter gente aqui, de falar no microfone. Eu não gostava de microfone, mas agora, meu amor, não quero largar. Porque tem que ouvir nossa voz.

O mesmo aconteceu quando estávamos no Largo dos Aflitos e começamos a entender o que estávamos fazendo ali. E agora faço uma provocação, sobretudo para quem vive em Salvador: o que é a Avenida Sete, recortada pelo Largo dos Aflitos, pela Rua da Cabeça, pela Praça da Piedade, pela Rua da Força, e que termina no Pelourinho? Que caminho é esse? Que nomes são esses? Por que esses nomes? E por que nós ainda ocupamos a Rua Carlos Gomes, passamos pela Rua da Força, pela Rua da Cabeça...

e tivemos uma sede no Largo dos Aflitos? O que significa saber que no Largo dos Aflitos ainda tem uma árvore de Pau-Brasil? Tiraram isso da gente: a possibilidade de se encantar com a vida. Vivemos desencantadas no celular, o tempo inteiro. Esquecemos que, de frente para nossa sede, tem uma árvore de Pau-Brasil. E a gente vai fazer um monte de ebó ali, da nossa maneira, em volta do Pau-Brasil. Tinha também o monumento da cabocla que a gente chamava de Catarina. Não sei se era Catarina, mas virou Catarina para nós. Fizemos um espetáculo que começava na Praça dos Aflitos — e para isso, precisávamos de um ponto de energia que fomos pedir a um “líder comunitário” que toma conta da região e que tinha uma pizzeria. Ele vai lá, abre um tampão de concreto, e lá estava a tomada, esperando a gente.

Nesse espetáculo, fazíamos uma primeira cena na praça, depois voltávamos em direção à casa, ocupando todo o largo, com o público acompanhando. Depois disso fomos denunciadas para a imobiliária porque disseram que estávamos seminuas, com a porta do prédio aberta, recebendo pessoas. Mas o que aconteceu, na verdade, foi: havia integrantes responsáveis pela bilheteria, dentre elas uma travesti que estava com o corpo seminu, mas que usava uma roupa transparente por cima — ela estava coberta —, mas o vizinho de cima se achou no direito de fotografar o momento exato em que as pessoas estavam organizadamente entrando na sede para assistir ao espetáculo e fez a denúncia para a imobiliária.

Mas, meu amor, ele mexeu com a pessoa errada. Quando fomos convocadas pela imobiliária, o homem estava tão constrangido... — porque a gente nunca deveu nada a ninguém — e eu disse: “Meu senhor, estou me sentindo constrangido ouvindo tudo que você está falando. Isso é um constrangimento.” Inclusive, meninas, fica a dica, usem essa palavra: constrangimento. A pessoa fica logo com medo. E assim a gente vai entendendo as nossas estratégias, porque ninguém quer problema com a bicha preta. Vai logo dizendo: “Não, não é constrangimento, desculpa, não, não, não.”

A gente entende onde estão nos colocando e como podemos desobedecer. Desobedecer na articulação. Desobedecer quando esperam que você chegue inflamada, violenta, mas você chega bem tranquila: “Oi, gente, bom dia, tudo bem?” Isso é desobedecer, ou seja, outros caminhos de desobediência, além da ideia de violência, pois a gente não vai conseguir nada pela violência. Afinal, como foi que a gata aqui chegou [apontando para Lip Tremme]? “Jack, preciso do seu espaço gratuitamente.” No amor. Na conversa. No diálogo. Não vamos nos atrapalhar.

Gelton Sacramento: Na sede do Largo dos Aflitos, sobre aquela casa de vestidos de noivas que tinha embaixo, esse é um exemplo que, no começo, a gente se questionou

muito sobre como seria a relação. Mas, no fim, a gente saiu de lá com um monte de vestido de noiva — que a gente usa para fazer peça, para dublar, para criar... E isso só foi possível porque conseguimos construir com Kátia — que era quem tomava conta do espaço — uma relação de vizinhança. A gente molhava as plantas dela, ela molhava as nossas. A gente também cuidava da segurança do prédio de uma forma coletivizada. Então, eu acredito muito no diálogo. Mas também acredito, como já foi dito, no diálogo estratégico. Não tem uma fórmula. No fim das contas, é sobre como isso chega e como isso sai. Sempre.

Filipe Moreira/Papi Lip Tremme: Eu fui criado assim: minha mãe casou-se já grávida, me teve e foi morar na casa onde eu moro até hoje, com meu pai, minha avó e meu avô. Depois, meus pais se separaram e minha mãe voltou para a casa da frente, que é a casa da minha outra avó, do outro avô, com tias e primos, um contexto bem familiar.

A família da minha mãe é difícil de ser lida racialmente. Já a do meu pai era uma família preta — hoje, quase todo mundo já morreu, mas era uma família preta. E eu fui criado muito fora de tudo que sou hoje. Literalmente. Todo ano a gente ia para o Carnaval, mas ficava na arquibancada do Campo Grande. Eu levava sanduíches, refrigerante, capa de chuva de saco plástico, para passar o dia todo. Via todos os blocos. Mas eu nunca tinha ido ao Pelourinho até os meus 22, 23 anos. Hoje tenho 30.

Fui estudante do colégio militar por sete anos. Repeti três anos da escola para poder entrar no colégio militar, porque só aceitavam a partir da quinta série. Vivi esse regime. Mesmo sendo desobediente, chega uma hora que você não vê sentido em brigar. Por exemplo, eu pensava: “Não vou ser expulso do colégio porque não engraxei o sapato.” Então eu engraxava o sapato. Algumas coisas vão se acomodando no cotidiano.

Todas essas experiências me fizeram uma pessoa muito reservada em determinados pontos. Eu sou extravagante onde eu me sinto confortável. E nunca me senti confortável para ser extravagante em casa, consequentemente, eu não me sentia confortável para ser assim na minha rua. Moro no Alto das Pombas desde que nasci e todo mundo conhece o bairro, é tudo aberto 24 horas por dia – tem bar, restaurante, puteiro, tem de tudo e nunca para. Mas eu nunca vivi o Alto das Pombas, nunca vivi uma noite ali. Tenho família na rua inteira, mas nunca me senti confortável para isso.

De repente, quando saí da casa da minha mãe e fui morar na casa da frente, passo a viver com um viado preto e um viado branco. E eu não sou responsável pelo que essas pessoas decidem fazer. Nesse contexto, uma das primeiras festas que fomos no pós-pandemia, lan saiu de casa andando pelo Alto das Pombas com uma *balaclava* preta

coberta de lacres, nós dois com *harness* nos braços e no peito; e eu de meia-calça arrastão. Aquilo foi a primeira vez.

Quando comecei na viadagem, a roupa encurtou e ficou mais colorida, mas hoje eu trabalho com moda também; a moda é uma expressão artística do meu cotidiano. Ainda assim tive dificuldade de entender meu entorno, que é muito tranquilo. Tenho família em cima e embaixo. Meu tio mora em cima, minha tia embaixo.

Três meses depois de me mudar para outro beco, meu vizinho de baixo disse: “Não tenho problema nenhum com vocês, viu? Tá tudo bem. Qualquer coisa que vocês precisarem eu tou aqui.” Ian e Caíque fizeram amizade com a vizinhança inteira antes de mim. Eu nasci lá e não conheço ninguém, eles já conhecem todo mundo: “Oi, dona Rosa! Bom dia, Dona Rosa!”. Dona Rosa já pediu dinheiro do pão e a gente deu. Ela já disse: “Se não tiver gente em casa, peça pro carteiro entregar sua encomenda aqui”.

No outro beco onde cresci, dos 7 aos 27 anos, não tem pagode, não tem som alto e todos os vizinhos moram em casas grandes, com famílias grandes. São aquelas “famílias de respeito”. Não tem churrasquinho na porta, não tem agonia. Aí quando eu mudo de beco — um beco do lado do outro, isso é importante frisar — tem churrasco todo dia, tem cerveja, cinco sons diferentes ao mesmo tempo: Oh Polêmico, Dua Lipa, Michael Jackson e Bob Marley... tudo ao mesmo tempo, num domingo.

Mas aos poucos fui entendendo a dinâmica do mercadinho da frente, entendendo todas as vezes que cheguei naquela rua às 3h, 4h, 5h da manhã, voltando do Mirante dos Aflitos ou do Beco dos Artistas, e comecei a perceber essa ideia de segurança, esse diálogo mínimo. Como eu sou muito reservado, nunca vai ser um diálogo muito aberto, mas aos poucos fui aprendendo e entendendo que ali eu não sou “comunidade LGBT”, eu sou comunidade Alto das Pombas. Mas eu demorei muito tempo para reconhecer isso.

Por fim, quero trazer uma reflexão para quem está se formando e para quem já atua como arquiteto e urbanista dentro de uma instituição federal. Eu sempre faço o exercício de pensar que algumas coisas são possíveis, talvez não tudo. Mas quando nos perguntamos “o que vai sobrar dessa mesa?”, eu deixo um gatilho: eu gostaria que sobrasse um projeto de centro cultural ou de centro habitacional, por exemplo. Sei que é difícil de fazer, entendo as problemáticas, mas o que se pode fazer? Há trabalhos de arquitetura sustentável? Existe diálogo com o Estado? Talvez tenha um terreno lá no final de Salvador, na conurbação, que possa ser negociado... Não sei. Algum projeto que possa ser desenvolvido pelos estudantes — não sei se tem empresa júnior de arquitetura —, ou

alguma atividade de extensão que possa fazer isso. Acredito que, se voltarmos nosso pensamento para essas ações, dá para produzir muita coisa na coletividade.

Eu não sou uma pessoa que fala muito sobre raça, gênero e sexualidade. Porque vivi uma fase de me compreender como bicha preta, entender minha negritude, minha sexualidade, onde elas se cruzavam e onde se separavam. Quando me entendi como negro, no início dos meus 20 anos, questioneei escutar Britney Spears e Lady Gaga. Mas Britney é uma das maiores influências da minha dança até hoje. Esse foi um lugar que eu vivi por muito tempo. Depois, quando comecei a ter contato mais próximo com a comunidade trans e travesti, fui para um outro lugar — de futuro! Travesti pensa em futuro... a gente não tem nem como acompanhar o raciocínio.

Hoje, no meu cotidiano, essa discussão me cabe menos. Me cabe em situações pontuais. Porque nosso trabalho enquanto *ballroom*, o que produzimos hoje, é uma tentativa de construir um palco que não existia nessa cidade. Na nona edição do “Baile Banzé”, foi a primeira vez que abrimos bilheteria pelo Sympla⁴ e vimos ingressos sendo vendidos. Tudo sem patrocínio. É filho que é designer, amiga que é designer, Ian que é fotógrafo e pai da casa... a gente articula tudo! E nessa cidade só tem um lugar onde não precisamos pagar pauta para estar dentro, então é muito difícil fazer as coisas. Por isso, para mim, sai do lugar do “falar”. Eu não quero falar e todo mundo aqui me entende. Eu entendo todo mundo aqui também. A gente não precisa ficar falando sobre isso. A gente pode tomar uma cerveja e falar das nossas relações. Esse é um ponto chave para mim.

Então deixo aqui esses gatilhos. Que isso seja disseminado. O que podemos fazer a partir disso? O que as pessoas brancas, cisgêneras, que estão aqui na Faculdade de Arquitetura podem fazer? O que pode ficar para nós? Como podemos ser convidados para estar aqui não apenas no lugar de “bichas”, “pretas”, “trans”, “coletivos”, mas como artistas. Porque eu sou um puta artista. Zoe é uma puta artista. Georgenes, Gelton, Ian, Sebastião, Gustavo... todos são artistas incríveis. Então vamos contratar mais. Deixa um espaço para a gente. Vamos conversar com a direção dessa escola.

⁴ Plataforma de bilheteria on-line.

Recebido em: 09/01/2025

Aceito em: 30/05/2025

DOI: 10.9771/ppgaufaufba.v15i0.74470

Como citar: SACRAMENTO, Gelton et al. Coletivos artísticos LGBTQIA+ e a ocupação da cidade: Uma Conversa entre o Coletivo das Liliths, a House of Tremme e a Cartografia Sexuada de Salvador. **Cadernos PPG-AU/FAUFBA**, v. 15, n. 1, p. 152-172, 2026.



FAUFBA



PPG-AU
FAUFBA

NAPPE

NÚCLEO DE APOIO À PESQUISA
E PRODUÇÃO EDITORIAL